

DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Uma CPI, vários atos

A CPI do 8 de janeiro sequer foi lida em plenário, mas uma das estratégias está desenhada. É levantar toda a gênese que levou ao quebra-quebra. Inclua-se aí a montagem de acampamentos na frente dos quartéis; os ataques em 12 de dezembro de 2022, data da diplomação do presidente Lula; e, por fim, a tentativa de explosão de um caminhão próximo ao Aeroporto de Brasília na véspera de Natal.

O aviso de Bivar

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva volta da Europa com várias decisões pendentes por aqui. Uma delas é o Ministério do Turismo, entregue ao União Brasil. Com a ministra Daniela Carneiro de saída do partido, o presidente da legenda, Luciano Bivar, afirmou com todas as letras à coluna: “Tem que saber se o presidente nomeou ministro na pessoa física ou na pessoa jurídica. Se foi institucional, terá que conversar com o partido”.

Primeiro, o arcabouço

Escolhido para relatar a Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) de 2024, ano de eleição municipal, o deputado Danilo Forte (União Brasil-CE) decidiu que só apresentará seu relatório depois da votação das novas regras fiscais. “Vamos estudar o assunto nesses próximos dias, mas só poderemos apresentar um parecer quando houver clareza sobre o que se será aprovado no arcabouço fiscal. Senão, será trabalho perdido”, avisou.

Muita calma nessa hora

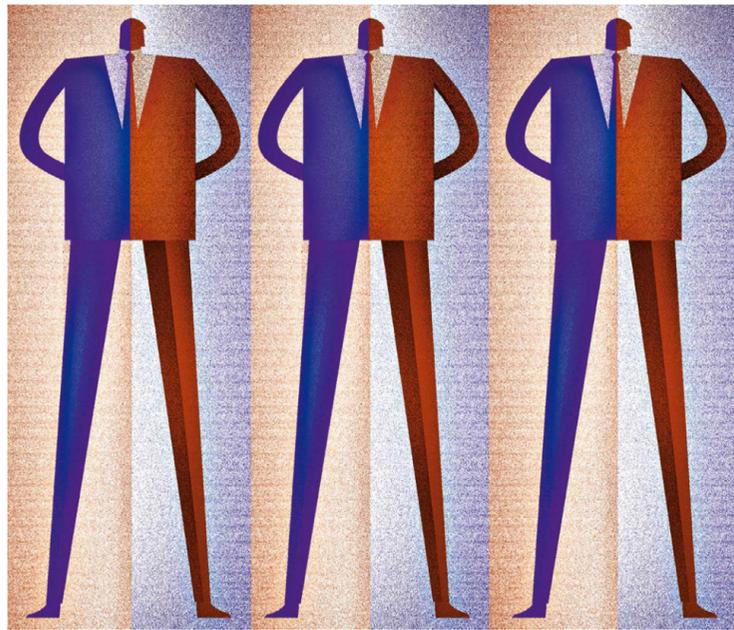
O governo já começou a conversar com os partidos no sentido de tentar preservar o plenário das duas Casas legislativas das discussões da CPI. Até aqui, o plenário tem servido de palco para a disputa entre bolsonaristas e petistas. As votações ocorrem, mas aos trancos e barrancos. E, em temas polêmicos, como a urgência do projeto das fake news, por exemplo, o placar apertado, além do previsto pelo governo, indicou que todo o cuidado é pouco.

“Estamos juntos”

Cotado para relatar a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito dos Atos de 8 de janeiro, o líder do PP na Câmara, André Fufuca (MA), encontrou com o ministro de Relações Institucionais, Alexandre Padilha, na festa de aniversário do presidente José Sarney. Padilha ficou de conversar com o líder em breve e a resposta de Fufuca foi “estamos juntos”. O líder do PP, um dos maiores aliados de Arthur Lira, tem dúvidas sobre relatar a CPI, mas tem dito a amigos que há “missões” que não se pode deixar de cumprir. Fufuca tem

pontes com o bolsonarismo e agora se aproxima do petismo. Se souber surfar por esses dias, será mesmo o nome para relator da comissão, conforme o leitor da coluna já sabe.

Em tempo: no Senado, porém, há quem aposte no senador Renan Calheiros (MDB-AL) como presidente da CPI. Nesse caso, será, conforme antecipou uma reportagem do **Correio** nesta segunda-feira, Renan Calheiros e Arthur Lira jogando juntos pela primeira vez em décadas. As negociações, porém, ainda fervem nos bastidores e vão prosseguir até o último minuto.



Maurenilson Freire/CB/D.A Press

CURTIDAS

Geraldo, o discreto/ Disposto a evitar ciumeiras políticas do PT, o presidente em exercício, Geraldo Alckmin fez questão de se colocar ao fundo da cena, na festa de Sarney. E, num dado momento, fez quase uma fila para tirar fotos com ele. Ao lado da mulher, Lu Alckmin, que também dispensa os holofotes, Alckmin saiu 21h. “Está na minha hora. A Lu só me deixa ficar até as 9 da noite”. Ela, apenas sorriu, como quem diz, “Sei...”.



Pietro Rogério/Divulgação

De um nonagenário para um octogenário/ Num dado momento da festa de seu aniversário de 93 anos, José Sarney, circulando entre os convidados, pergunta ao ex-presidente Michel Temer (foto): “Você está em pé há muito tempo, quer sentar um pouco?” Eis que Temer, sempre muito cordial e com um sorriso, responde, “Obrigado, mas prefiro ficar em pé, conversando”.

Arcabouço em debate/ Capitaneada pelo deputado Arnaldo Jardim (Cidadania-SP) e pelo deputado Pedro Paulo (PSD-RJ), a Frente Parlamentar pelo Brasil Competitivo promove hoje um debate sobre o novo arcabouço fiscal, 8h, no Senado Federal. Lá estarão o relator da proposta, Cláudio Cajado, o analista Jeferson Bittencourt, da Asa Investments. Como o secretário executivo do Ministério da Fazenda, Gabriel Galpólo, está doente, ele mandará um representante.

PODER / Ao receber, de forma generosa, personalidades de todo o espectro partidário e autoridades da República, ex-presidente comprova que é possível estabelecer pontes em favor da reconstrução nacional, superando o método do ódio

Arte da política com Sarney

» ANA DUBEUX
» DENISE ROTHENBURG

“open house” para comemorar os 93 anos do presidente José Sarney marcou a volta da política que, diante de tantos conflitos, busca, inicialmente, distensionar. Primeiro presidente a vestir a faixa presidencial depois da redemocratização, quando se considerava que o fantasma de um golpe militar não estava totalmente dissipado, Sarney mostrou esta semana, e numa segunda-feira, dia em que o movimento político não costuma ser tão intenso em Brasília, que não perdeu o traquejo para promover diálogos e distensões.

A festa permitiu rodas de conversas que, mais à frente, podem inclusive proporcionar, aos principais atores da vez, trilhas para acordos e consensos. No pano de fundo de tantas homenagens ao mais longevo ex-presidente do Brasil, a vontade de muitos de pôr fim ao clima beligerante da polarização política, que arrisca contaminar as votações na Câmara e no plenário.

Pela casa de Sarney, no Lago Sul, passaram o presidente em exercício, Geraldo Alckmin e dona Lu Alckmin, que conversaram demoradamente com o ex-governador do DF Paulo Octávio; ministros do Supremo Tribunal Federal, como Alexandre de Moraes, Dias Toffoli e Ricardo Lewandowski, que deixou a toga recentemente.

O ministro da Justiça, Flávio Dino, maior adversário dos Sarney no Maranhão, fez questão de comparecer para abraçar o ex-presidente que, sem a investitura de cargo ou mandato, já se tornou atos, fatos, palavras e memórias. Também estiveram lá o secretário-executivo

do Ministério da Justiça, Ricardo Capelli, interinamente no Gabinete de Segurança Institucional; o senador Cid Gomes (PDT-CE); e o ministro do Desenvolvimento Social, Wellington Dias (PT).

Bolsonaro ausente

Bolsonaro, que chegou a recorrer a Sarney em busca de conselhos, não compareceu. Preferiu manter-se fora dessa construção política. Afinal, foi um discurso contra a política que garantiu ao então candidato chegar à Presidência da República em 2018.

Estavam lá, porém, muitos que ajudaram Bolsonaro a governar, inclusive dois ex-ministros — a líder do PP no Senado, Tereza Cristina, que ocupou a pasta da Agricultura, e o senador Marcos Pontes (PL-SP), ministro da Ciência e Tecnologia. Este último, por sinal, foi muito assediado para tirar fotos por grande parte dos convidados.

O governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha (MDB), o procurador-geral da República, Augusto Aras, e o presidente do Tribunal de Contas da União, Bruno Dantas, também foram prestar homenagem a Sarney, todos imbuídos na retomada do diálogo político.

Vozes experientes, como a do ex-presidente Michel Temer, do ex-senador e ex-ministro Romero Jucá, líder de vários governos, e do ex-governador do DF José Roberto Arruda, que já passou por tantos dissabores, se juntavam a personalidades que hoje se destacam na vida nacional.

Em outras rodas, a presidente do PT, Gleisi Hoffmann, e o deputado Lindbergh Farias, conversavam com integrantes do PP. Eles chegaram quase na mesma hora que o ministro de Relações Institucionais,

Gilberto Soares (Giba)



Vice-presidente Geraldo Alckmin cumprimenta o anfitrião: aos 93 anos, Sarney segue influente

Orlando Brito/Acervo Sarney



Lula, em primeiro mandato: petista pedia conselhos para governar

Alexandre Padilha, que, ao circular pelo salão, esbarrou no líder do PP na Câmara, André Fufuca (MA), cotado para ser relator da CPI dos atos de 8 de janeiro.

Sarney passou a maior parte do tempo recebendo as mais de 500 pessoas que foram prestigiá-lo. Depois das 21h, o anfitrião circulou pela casa, ao lado

da filha, a deputada Roseana Sarney, e do filho Zequinha, ex-secretário de Meio Ambiente do DF e ex-ministro. Demonstrava estar mais em forma do que muitos mais jovens, praticando um exercício que o tornou notável: a imensa capacidade de aglutinação das mais diversas forças políticas.

Em viagem oficial, o presidente Lula ligou cedo para cumprimentá-lo. Assim como o presidente de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa, que citou Sarney na entrega do prêmio Camões. Também enviaram cumprimentos pessoais de fora do espectro político, como o cardeal-arcebispo de Brasília, dom Paulo Cezar Costa, e o cineasta Luiz Carlos Barreto, o Barretão, 95 anos. Barreto produziu o filme *Maranhão 65*, dirigido por Glauber Rocha, sobre o então governador José Sarney.

60 anos de vida pública

Não foi o primeiro nem o único aniversário de José Sarney que reuniu gente tão diversa. Manchetes antigas de jornais estampam essa peculiaridade. Fotos também. Em 2011, numa entrevista ao **Correio**, o ex-presidente afirmou: “Tenho absoluta incapacidade de ter ódio. Nunca tive inimigos. Nunca considere as pessoas como adversárias. Não há um gesto meu, nem que eu tenha sido acusado, de ter erguido uma estátua à vingança. O ressentimento é contra a própria pessoa, porque ele cresce e a pessoa vive infeliz”, ensinou.

Talvez essa característica explique a diversidade de gente na festa, que poderia ser vista como um beija-mão para 500 convidados. Na verdade, a vocação agregadora de José Sarney é um talento natural. Ou uma visão da democracia na qual o primeiro presidente do pós-ditadura acreditava.

Com mais de 60 anos de vida pública, foi governador, deputado federal, senador e presidente da República. As vitórias eleitorais consagram um estilo no fazer político: a conciliação de interesses diversos, transformando graves crises em problemas contornáveis.

O perfil conciliador que lhe rendeu lugar cativo nos espaços de decisão do Congresso Nacional durante décadas — e extrapolando para além do Parlamento. Embora enfatize sua condição de aposentado, Sarney segue influente. E talvez Lula ainda espere contar com seu apoio. O titular do Planalto já afirmou que, em seus primeiros mandatos, Sarney o ajudou a governar. A última segunda-feira talvez indique de que essa colaboração se manterá. (AD e DR)